



AUSÊNCIAS: narrativas e sentimentos das vítimas indiretas da Covid-19

Nathália GONÇALVES BATISTA¹

(Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT/CUA)

Gilson MORAES DA COSTA²

(Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT/CUA)

Introdução

As mortes causadas pela Covid-19 foram sentidas por muitas pessoas. O que vemos de forma majoritária nos boletins informativos das prefeituras, governos de estados e Ministério da Saúde são apenas números que, de modo geral, não refletem a dor causada pela perda de algum ente querido. Esses familiares, foram tratados neste trabalho como vítimas indiretas que, agora, precisam enfrentar o luto e as vivências do dia a dia. Isso nos levou a propor a realização do documentário *Ausências* como trabalho de conclusão de curso, na modalidade Projeto Experimental, no âmbito do curso de Jornalismo da UFMT campus Araguaia.

Importante destacar que, para a realização das filmagens, apenas a realizadora não seria capaz de produzir tudo sozinha. O orientador deste trabalho, Gilson Costa, acompanhou a primeira entrevista. Ainda durante o processo de gravação do documentário, contamos com o apoio do técnico do curso de Jornalismo, Cristiano Costa e dos colegas Matheus Lôbo, Jennifer Lima e Júlia Tinan. A produção também contou com o apoio do Núcleo de Produção Digital (NPD).³

¹ Nathália Gonçalves Batista, formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso. Residente de Barra do Garças, Mato Grosso. Email: nathaliago415@gmail.com

² Gilson Moraes da Costa. Professor do Curso de Jornalismo – UFMT – Campus Universitário do Araguaia. E-mail: gilson.costa@ufmt.br

³ O Núcleo de Produção Digital – NPD-Araguaia, projeto de extensão ligada ao curso de Jornalismo, tem como um de seus objetivos prestar apoio e incentivar a produção audiovisual local. Nesse sentido, considerando que o presente projeto se enquadrava dentro do campo de interesse do Núcleo, foi fundamental o apoio e a disponibilização de equipamentos para que pudéssemos ter maior segurança e profissionalismo no trabalho de produção desse documentário.



Ausências: narrativas e sentimentos das vítimas indiretas da Covid-19

O documentário busca compreender e retratar as consequências emocionais e afetivas que essas mortes acarretaram na vidas daqueles que sofrem com o luto. Para ter êxito neste objetivo foi necessário começar com uma intensa pesquisa que, comumente, na rotina audiovisual, denominamos de pré-produção.

Foi feita uma aprofundada procura por pessoas que se dispusessem a contar suas histórias enquanto vítimas indiretas da pandemia. Também coletamos informações sobre dados nacionais relacionados às mortes consequentes do processo de infecção pelo Coronavírus, sobre iniciativas para prestar homenagens às vítimas (sites de internet) e material da imprensa que abordaram os impactos da perda nos familiares das vítimas diretas.

Após identificar os principais pontos a serem trabalhados em cena, como enquadramentos, planos, fotografias, e o que extrair de essencial de cada uma das fontes, foi decidido tratar as entrevistas de maneira que a abordagem apresentasse o formato de uma conversa (um tipo de abordagem inspirada na estratégia do documentarista brasileiro Eduardo Coutinho). A intenção era criar um ambiente de entrevista que pudesse deixar os personagens mais à vontade, minimizando a tensão que geralmente impacta o *set* de filmagem quanto se liga a câmera. Além disso, a escolha de cada locação ficou de ser decidido por cada um dos próprios personagens, com a justificativa de que ficasse a critério deles, a escolha de lugares que se sentissem mais livres para falarem do assunto ou lugares que tinham um apego especial para a pessoa falecida. Em casos que a pessoa não conseguisse decidir sozinho, a realizadora iria entrar com sugestões de locações.

A etapa seguinte foi a procura por personagens que se enquadrassem nos critérios delineados durante a pesquisa, quais sejam: pessoas que foram impactadas pela morte de um conhecido/a durante a pandemia do Coronavírus. Essa seleção foi feita através de um “boca-a-boca” (com uso de mídias sociais e internet) e a procura individual a conhecidos. Não foi feita restrição de idade ou gênero para essas vítimas indiretas, nem limitada alguma região brasileira *a priori*, com o intuito de ter assim um maior alcance geográfico na escolha de fontes e histórias que melhor encaixam com a temática deste produto.



Contudo, considerando as limitações logísticas e financeiras do projeto, optamos por dar prioridade aos personagens residentes nas proximidades geográficas em que nos encontrávamos.

Após as primeiras conversas e tomada de conhecimento iniciais acerca das possíveis fontes, foi o momento da construção do roteiro de gravação. No roteiro de gravação foi importante preservar as seguintes informações: o perfil de cada integrante do documentário, sugestões de cenário, sugestões de perguntas e indagações a serem feitas, tipo de material a ser utilizado, planos e enquadramentos e sugestões de imagens de apoio, também chamadas aqui de *inserts*.

Vsevolod Pudovkin (1893-1953 citado por Monica Martinez, 2012) explica que o trabalho do roteiro é o momento de colocar no papel o planejamento que quer ver em tela, a fim de transmitir o conteúdo de cada plano. “A construção de uma cena a partir de planos, de uma sequência a partir de cenas, de uma parte inteira de um filme (...), a partir de sequências e assim por diante chama-se montagem”.

Com os objetivos de gravações em mãos, foram realizadas as gravações das sonoras e imagens de apoio, em Barra do Garças (MT) e Nova Xavantina (MT). Para as gravações foram utilizadas duas câmeras. A câmera Sony NEX-EA50 com as lentes Sony FE 50mm F/1.8 E-Mount Full Frame e a E SELP18200 de 18-200mm e uma câmera DSRL Canon EOS 60D com Lente EF-S 18-55mm IS II. Além disso, foi necessário o uso de um microfone direcional, lapela, um conjunto de refletores de led para iluminar a cena e um tripé para apoio da câmera.

Após a gravação de seis sonoras, mais a captação de imagens externas e *inserts*, a próxima etapa foi a de decupagem e primeiro corte. Nesta fase foram separadas as melhores partes das entrevistas para serem usadas, bem como de registros de imagens para auxiliar na fase de montagem. Para isso, foi necessário visualizar diferentes vezes todo o material, fazendo os cortes iniciais e escolhendo as melhores sequências.

A parte de pós-produção foi feita no laboratório do NPD, utilizando-se da ilha de edição e equipamentos de som. Durante a montagem do documentário foi levado em consideração o objetivo emocional que desejei. Partindo desse objetivo, fomos encaixando na ilha de edição qual fala/depoimento de determinado personagem poderia



seguir com a narrativa que estávamos construindo. Em determinados pontos dessa narrativa foi preciso costurar uma fala na outra, fazendo testes e sentindo qual poderia se encaixar melhor naquela determinada linha narrativa. Isto foi feito a fim de não deixar uma mesma fonte com muito tempo em tela e evitar o cansaço do espectador.

Ao adotarmos a filosofia de uma narrativa não linear de montagem, queríamos a construção de expectativa e algo mais espontâneo para o espectador. Segundo Ken Dancyger (2007) a filosofia da não linearidade é mais intuitiva do que intencional. Contudo, o autor também ressalta que “a opção por uma narrativa não linear não significa que o realizador pode deixar de lado o tema da energia” (DANCYGER, 2007, p. 466) .

Por fim, no programa de edição de imagens, *Adobe Premiere*, inserimos o gerador de caracteres (GC) na primeira entrada dos personagens. O *layout* do GC foi desenvolvido para remeter leveza e ser sutil em sua rápida aparição. No fundo preto foram acrescentados os créditos aos colaboradores, o título e dedicatória do filme.

Após a construção da narrativa, migramos para o programa *DaVinci Resolve* para tratarmos a cor e definirmos o áudio. No tratamento de cor, realçamos as cores presentes, a fim de darem a elas uma sintonia semiótica com o tom predominante na narrativa. A cor da blusa, a cor da pele ou até mesmo o ambiente ganharam mais “vida”. As gravações foram feitas pensando nesse processo para facilitá-lo posteriormente. Então, as cores não se sobressaiam e traziam um sentimento de conteúdo mais cru. Ao corrigirmos isso, ganhamos mais destaque para os pequenos elementos, e advogamos que o recurso atrai mais atenção do espectador para a tela.

Para a resolução de áudio, limpamos os ruídos sonoros que não conseguimos escapar durante as filmagens, como carros na rua ou animais domésticos. Chegamos por fim, em um resultado visual que chamasse a atenção do espectador e prendesse a sua atenção com a não linearidade de emoções que propomos provocar.

Com o documentário finalizado e aprovado por esta pesquisadora e seu orientador, fizemos a masterização do filme e duas cópias em formatos (codecs) diferenciados para garantir uma maior compatibilidade com diferentes *players* e plataformas.



Considerações Finais

Do ponto de vista estético e narrativo, consideramos que a obra audiovisual alcançou os resultados propostos quando do início de sua produção, ou seja: o tema da ausência, ocasionado pela perda e pela dor do luto, foi abordado com sensibilidade, respeito e ética, proporcionando uma atmosfera no qual o espectador possa se relacionar emotivamente com a peça e, na medida do possível, construir relações de empatia com os entrevistados. Outrossim, acreditamos ainda na importância deste documentário para que a sociedade (em especial aquela parcela alcançada pela obra), reafirme a noção sobre a importância dos cuidados sanitários, da vacinação e outros procedimentos que possam atenuar o atual estágio da pandemia no Brasil.

Referências

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática**. Elsevier, 2007.

MARTINEZ, M. Jornalismo Literário, Cinema e Documentário: Apontamentos para um diálogo entre as áreas. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 7, n. 2, p. 98–116, 2012. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/289>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**; tradução Mônica Saddy Martinez. Campinas, SP: Papyrus, 2005. 104 p. ISBN 8530807855.